

Lugares Sagrados Pataxó: entre seres espirituais, natureza e identidade cultural

Gabriela Folegatti de Azevedo¹

Recebido em: 06/01/2024

Aprovado em: 20/02/2024

Resumo: Este artigo tem como objetivo relacionar os locais sagrados para os Pataxó, onde habitam os assim chamados seres espirituais. Busca-se estabelecer uma ligação entre natureza e espiritualidade, e como, para a perpetuação da espiritualidade Pataxó, é importante a preservação das matas. Desta forma, os seres espirituais, junto com a mata, cuidam dos Pataxó, constituindo sua espiritualidade; em contrapartida, os Pataxó cuidam da mata que é a morada desses seres. Revela-se, então, uma relação entre a natureza e a cultura, pois a cultura Pataxó está fortemente ligada aos seus lugares, o que torna a conservação ambiental da região uma tarefa fundamental. Portanto, proponho explicar como a produção da identidade Pataxó possui um elo com seus seres espirituais que vivem nas matas e qual o papel da espiritualidade Pataxó enquanto mantenedora da preservação dessas matas.

Palavras-chave: Identidade Pataxó; Humanos e seres espirituais; Natureza e Cultura; Espiritualidade e Conservação ambiental.

Lugares sagrados de Pataxó: entre seres espirituales, naturaleza y identidad cultural

Resumen: Este artículo tiene como objetivo enumerar los lugares sagrados para el pueblo Pataxó y donde habitan sus seres espirituales. El objetivo es establecer un vínculo entre la naturaleza y su espiritualidad y, en cuanto para la perpetuación de la espiritualidad Pataxó, es importante la preservación de sus tierras. De esta manera, los seres espirituales junto con la naturaleza cuidan a los Pataxó, constituyendo su espiritualidad y, a cambio, los Pataxó cuidan de ella, que es el hogar de estos seres. Revelando entonces, una relación entre su territorio y cultura, en la que la cultura Pataxó se vincula con sus lugares, lo que hace fundamental la conservación ambiental en la región. Por lo tanto, propongo explicar cómo la producción de la

¹ Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Brasil. E-mail: gabifolega@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-2968-2661>

identidad Pataxó tiene un vínculo con sus seres espirituales y cuál es el papel de la espiritualidad Pataxó como mantenedora de la preservación de sus tierras.

Palabras-clave: Identidad Pataxó; Humanos y Seres Espirituales; Naturaleza y Cultura; Espiritualidad y Conservación del Medio Ambiente.

Pataxó sacred places: between spiritual beings, nature and cultural identity

Abstract: The objectives of this article are to provide a list of the sacred places for the Pataxó and where their spiritual beings live. To establish a link between nature and spirituality, and how the perpetuation of the Pataxó spirituality is deeply related to the preservation of the forest. Together, the spiritual beings and the forest take care of the Pataxó, constituting their spirituality and, in return, the Pataxó take care of the forest, which is the home of these beings. This symbiose between nature and culture reveals how the Pataxó culture is linked to the forest and makes the conservation of the environment in the region crucial for their community. The article also proposes to explain how the Pataxó identity is linked to their spiritual beings and what is the role of Pataxó spirituality as a maintainer of the preservation of the forest.

Keywords: Pataxó Identity; Humans and spiritual beings; Nature and Culture; Spirituality and Environmental conservation.

Introdução

Da praia ao interior, a região da Terra Indígena Barra Velha foi e ainda é de grande relevância para a subsistência das famílias Pataxó que lá habitam, fornecendo alimentos como mandioca para a produção de farinha e cauim², peixe, coco, mangaba, mariscos e plantas como hortelã, boldo e amesca³, que são utilizadas para fins medicinais (POVO PATAXÓ, 2011). Ademais, é um importante local de conservação da fauna e flora de parte da Mata Atlântica brasileira (CARDOSO; PINHEIRO, 2012).

Cada espaço do território tradicional Pataxó é singular e contém valores históricos, culturais e religiosos. Espíritos, encantados, Naô Katumbayá (espírito da Mãe da Mata), entre outros seres espirituais, fazem suas moradas em locais como a mata, o Céu Azul, o Monte Pascoal e a Juacema (POVO PATAXÓ, 2011) (CARDOSO; PINHEIRO, 2012).

A proposta deste texto é elencar e discutir os locais sagrados para os Pataxó, bem como informar ao leitor onde cada ser espiritual habita. Com isso, espero demonstrar a estreita relação entre a preservação da mata e a perpetuação da espiritualidade Pataxó. Eles cuidam das matas, e as matas, junto aos seres que ali

² Bebida fermentada à base de aipim (mandioca).

³ Amescla, ou amesca, como é chamada pelos Pataxó, é uma árvore que produz uma resina usada nos awês e outros rituais sob a forma de incenso (CARDOSO; PINHEIRO, 2012).

habitam, cuidam dos Pataxó. Nesse sentido, como já referido, existe um nexo entre cultura e natureza/meio ambiente/território Pataxó, que torna fundamental a conservação ambiental na sua região. Essa relação apresenta-se como uma espécie de determinação: os lugares sagrados são de extrema importância para a perpetuação da cultura Pataxó, assim como, por outro lado, os Pataxó se responsabilizam pelo cuidado com estes mesmos lugares. Com isso, pretendo demonstrar a centralidade da presença dos, e a convivência com os, seres espirituais na produção da própria identidade Pataxó e de sua relação com o território tradicionalmente ocupado.

O texto está organizado da seguinte forma: primeiramente faço uma breve contextualização sobre os Pataxó, a situação das Terras Indígenas no extremo sul baiano e a história desse povo. Posteriormente, discorro sobre a relação entre os fazendeiros, os órgãos de fiscalização ambiental e os Pataxó. Em seguida, trato da relação entre território e espiritualidade, por meio da qual exponho o conceito de território para este grupo indígena, a noções de natureza e espiritualidade, além de uma curta descrição dos seres espirituais e dos pajés no contexto Pataxó. Na sequência, refiro aos lugares que são considerados sagrados por este povo e o encantamento e desencantamento desses lugares. Por fim, faço as considerações finais.

Traçando o mapa da coleta de informações

Para constituir a parte histórica e mobilizar alguns dos conceitos utilizados neste texto, utilizei como base os livros escritos pela própria comunidade Pataxó. Já a parte teórica foi extraída tanto de textos escritos por antropólogos quanto por historiadores. Usei como base também meus relatórios da Iniciação Científica para complementar algumas informações (AZEVEDO, 2021)

Devido à COVID-19, não pude ter contato com o campo para a escrita deste artigo. No entanto, como nativa da Cumuruxatiba e residente no município de Porto Seguro, tive uma vida inteira de vivências nas aldeias da T.I. Barra Velha, principalmente nas de Boca da Mata, Barra Velha e Pé do Monte, vivências que utilizei como respaldo para escrever o texto, assim como a revisão bibliográfica.

Contextualização sobre os Pataxó

Pataxó, *pata*, “barulho do mar quando bate na pedra”, e *xó*, “barulho do mar quando recua” (POVO PATAXÓ, 2011). Com uma população com cerca de 12.326 pessoas, segundo o último censo realizado pela Secretaria Especial de Saúde Indígena – SESAI, em 2014⁴, o povo Pataxó tem aldeias situadas nos municípios de Araçuaí, Açucena, Carmésia e Itapeçerica, no estado de Minas Gerais, e no estado da Bahia, nos municípios de Porto Seguro, Prado, Itamaraju e Santa Cruz Cabrália (CARDOSO; PINHEIRO, 2012).

A língua materna Pataxó, conhecida como Patxôhã – *pat*, *de Pataxó* e *xôhã*, de guerreiro (BOMFIM, 2014) –, pertence ao tronco linguístico Macro-Jê, e está alocada na família Maxakali. A língua encontra-se em processo de revitalização, sendo então o português a principal língua falada e ensinada nas comunidades hoje em dia (POVO PATAXÓ, 2011).

No extremo sul baiano, a maior Terra Indígena (T. I.) ocupada pelos Pataxó é a T.I. Barra Velha, localizada no município de Porto Seguro, com 8.627 hectares regularizados e 44.121 hectares na situação de reestudo, de acordo com o site da Fundação Nacional do Índio - FUNAI⁵. Dentro dos 52.748 hectares, isto é, a área regularizada mais a extensão aprovada em reestudo, situam-se as aldeias de Barra Velha, Aldeia Nova, Boca da Mata, Bugigão, Campo do Boi, Cassiana, Corumbauzinho, Craveiro, Guaxuma, Jitaí, Meio da Mata, Pará, Pé do Monte, Porto do Boi, Trevo do Parque, Tupiniquins, Xandó (CARDOSO; PINHEIRO, 2012) e Nova Esperança⁶.

⁴Informação do site do Instituto Socioambiental ISA: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3>

⁵ Informação do site da Fundação Nacional do Índio - FUNAI: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>

⁶ Nova Esperança é uma aldeia que foi constituída recentemente, e que ainda não consta nos mapas e em nenhum texto. Essa informação foi obtida em uma das minhas visitas à T.I. Barra Velha.

Mapa das aldeias Pataxó da região de Porto Seguro, Prado e Santa Cruz Cabrália

S



Superintendência de assuntos Indígena de Porto Seguro 2013
superintendencia.indigena.ps@gmail.com

Fonte: Superintendência de assuntos Indígena de Porto Seguro (2013)

A região ocupada pelos Pataxó no extremo sul baiano foi cenário de diversos acontecimentos históricos, tendo sido marcada primeiro pela chegada dos portugueses em 1500 e, posteriormente, por uma sequência de conflitos entre não indígenas e indígenas em disputa pelo território tradicional Pataxó.

Os Pataxó, como já mencionado, compõem o tronco linguístico Macro-Jê. Ao contrário dos Tupi e Guarani que foram retratados a partir da imagem de indígenas mansos, os Jê foram caracterizados como bárbaros, selvagens e indomáveis, que guerreavam por seus territórios e foram, durante muito tempo, identificados por meio do termo genérico Tapuia (CARNEIRO DA CUNHA, 1992). Foram alvo da política de catequização por parte da ouvidoria da Capitania de Porto Seguro (POVO PATAXÓ, 2011) e das Guerras Justas⁷ por parte da Coroa Portuguesa (PEREIRA, 2018). E em 1861, os Pataxó foram aldeados após o Decreto nº 22, de 20 de janeiro de 1854, promulgado por Antônio da Costa Pinto, então Presidente da Província da Bahia, o que, para Paraíso (1994), proporcionou maior facilidade de acesso à mão de obra indígena e favoreceu a catequização e colonização da região do extremo sul baiano.

A maior cicatriz da história Pataxó ocorreu no ano de 1951, com o chamado “Fogo de 51”, também conhecido como “Massacre de 51”. Devido à uma circunstância adversa, policiais da região, tanto de Prado quanto de Porto Seguro, adentraram a Aldeia de Barra Velha e fizeram atrocidades, matando e seviciando muitos indígenas. Nessa ocasião as famílias Pataxó da Aldeia Barra Velha seguiram destinos diferentes, algumas pessoas permaneceram na aldeia, outras se esconderam na mata e algumas foram trabalhar em fazendas (POVO PATAXÓ, 2011).

Dez anos após o acontecido, outro empecilho surgiu nas vidas das famílias Pataxó que ainda habitavam a Aldeia Barra Velha e a região do Monte Pascoal, pois houve a oficialização do Parque Nacional do Monte Pascoal – PNMP, no exato local do território tradicional Pataxó (POVO PATAXÓ, 2011). Logo, os Pataxó foram em busca de seus direitos, e mobilizaram a sua cultura⁸ para reivindicar o direito pela demarcação da T.I. (CARVALHO, 2009).

Em 1988, a T.I. Barra Velha foi reconhecida através do Decreto 94.945/87, Resolução 02, por meio de um acordo feito entre a Fundação Nacional do Índio - FUNAI e o Instituto Brasileiro de Defesa Florestal- IBDF, uma vez que parte do território ficaria

⁷ Em 1808, com a chegada da família real ao Brasil, D. João VI decretou os povos indígenas que ocupavam os sertões – como eram chamadas a região oeste de São Paulo e as matas preservadas do leste de Minas Gerais, Espírito Santo e sul da Bahia – como alvo das Guerras Justas (PEREIRA, 2018). Por conseguinte, os indígenas que habitam o extremo sul da Bahia tiveram suas terras violentamente invadidas e sofreram com a escravização e morte, seus territórios tendo sido tomados para fins econômicos (PEREIRA, 2018).

⁸ É importante ressaltar que, para Carneiro da Cunha (2009), o termo “cultura” para muitos povos indígenas vem sendo utilizado como forma estratégica de reivindicação de seus direitos.

sobreposto ao PNMP (CARVALHO, 2009). No entanto, a homologação da T.I. só veio a ocorrer em 1991, por meio do Decreto nº 396⁹ e após muita pressão feita por Epifânio Ferreira, liderança de Barra Velha (SANTOS, 2017).

Todavia, mesmo com parte do território tradicional demarcado, a luta por ele permaneceu para que se lograsse uma ampliação. Essa decisão, bem como a decisão de retomar o Monte Pascoal, foi tomada em 1999, na Assembleia do Conselho de Caciques (PROFESSORES PATAXÓ DO EXTREMO SUL DA BAHIA, 2007).

Apesar de todo o sofrimento nós resistimos e unimos nossas forças. No dia 19 de agosto de 1999, reconquistamos o Monte Pascoal que, para nós, é um lugar sagrado, onde estão nossas raízes e onde estão brotando e dando novos frutos, que são as gerações do futuro do nosso povo. (PROFESSORES INDÍGENAS: POVO PATAXÓ, 2007)

Livros produzidos pelos próprios Pataxó, como o *“Inventário Cultural Pataxó”*, *“Uma história de resistência Pataxó”*, e *“Leituras Pataxó: raízes e vivências do povo Pataxó nas escolas”* – que inclusive serviram de embasamento para boa parte desta pesquisa – contam as histórias vividas pelos Pataxó e o seu relacionamento com o território tradicional para assegurar a reprodução da sua subsistência econômica e espiritual, bem como compartilhar o território com os seres outro-que-humanos que nele habitam.

Entre o PNMP e as fazendas

Se as raízes da luta pelo território tradicional permanecem através do tempo, os problemas com os fazendeiros e com o PNMP não deixam de ser uma realidade atual. Contemporaneamente, a agricultura, a especulação imobiliária, a pecuária e as imensas plantações de eucalipto ainda são uma ameaça para esse território (PEREIRA, 2018), além dos conflitos envolvendo os órgãos fiscalizadores do Parque Nacional do Monte Pascoal (CARDOSO, 2016).

A visão utilitarista de território por parte dos fazendeiros da região se contrapõe com o significado histórico-cultural e religioso-espiritual que essa terra tem para os

⁹Informação do site da Presidência da República Casa Civil: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0396.htm

indígenas Pataxó. Dispor de terra, para os fazendeiros, reduz-se a uma questão econômica e política, uma vez que, em uma sociedade na qual o coronelismo ainda se faz presente, prevalece uma relação entre quanto maior a quantidade de terra maior poder político poder ser exercido pelos detentores (LEAL, 1948).

Em 2014, os conflitos entre os fazendeiros e os Pataxó se intensificaram após a retomada das “fazendas” Brasília e Barra Mansa, no limite da área em reestudo da T.I. Barra Velha. A retomada foi feita com o intuito de fazer o governo acelerar o processo de demarcação dessa área¹⁰.

Esse conflito mais recente envolveu principalmente indígenas das aldeias mais próximas ao limite da T.I., ou seja, as aldeias de Boca da Mata, Cassiana, Jitá e Guaxuma (CARDOSO, 2016). E, ao contrário do que consta no site do Conselho Indigenista Missionário – CIMI, que teriam sido apenas duas fazendas retomadas, foram dez as fazendas ocupadas no primeiro momento, passando a onze com a retomada de uma fazenda ligada à Veracel Celulose (CARDOSO, 2016).

A interrupção desse conflito só ocorreu depois dos pedidos de reintegração de posse por parte dos fazendeiros e do órgão ambiental federal (CARDOSO, 2016). O cumprimento judicial contra a retomada Pataxó aconteceu de forma truculenta, e as ações tomadas pelos policiais locais, juntamente com a Companhia Independente de Policiamento Especializado da Mata Atlântica – CAEMA, foram relatadas em uma postagem feita pelo professor da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Marco Scarassatti.

De acordo com a postagem, os comentários feitos pelos policiais eram que iam “descer o cacete” nos indígenas. A polícia começou a ação antes mesmo de esperar a chegada da FUNAI, e o dono da fazenda que seria reintegrada passou no local da ação para verificar se ela estava ocorrendo de fato. A postagem registrou ainda a falta de respeito dos policiais para com a comunidade indígena durante a ação, como é possível constatar por meio de um vídeo no qual os policiais atiravam balas de borracha em direção aos indígenas¹¹.

¹⁰ Informação extraída do site do Conselho Indigenista Missionário - CIMI: <https://cimi.org.br/2014/04/35944/>

¹¹ o vídeo da ação policial filmado pelos Pataxó e postado na rede social de Marco Scarassatti e o relato feito por ele pode ser encontrado em <https://www.facebook.com/video.php?v=10205431574811659&%3Bfref=nf>

Como dito anteriormente, outro conflito pelo território enfrentado pelos Pataxó ocorreu com os órgãos de fiscalização ambiental, dado que a T.I. Barra Velha está sobreposta ao PNMP, que é uma Unidade de Conservação - U.C de proteção integral. O modelo pautado, quando houve a criação do parque, foi o exportado da corrente preservacionista que cresceu durante o século XVIII e XIX na Inglaterra e nos Estados Unidos (DIEGUES, 2008).

Para melhor compreensão do que é uma U.C. e de como esse conceito foi constituído, faço um recuo no tempo. Com o avanço da história natural e a disseminação de obras de romancistas (sobretudo estadunidenses) sobre o conceito de natureza selvagem, nasce, em 1871, o primeiro Parque Nacional – P.N. moderno nos Estados Unidos, o P.N. de Yellowstone, atrelado ao conceito de conservação de uma área selvagem. O Congresso dos Estados Unidos define, então, que esses parques são reservas naturais, e que ocupações e vendas dessas terras são totalmente proibidas. Assim sendo, uma U.C. preza a conservação da natureza e a protege contra o desenvolvimento, passando a ser considerada como um espaço onde seres humanos não devem viver, apenas visitar (DIEGUES, 2008).

O maior problema na implementação desse modelo de parque tanto no Brasil quanto nos demais países da América Latina foi a sobreposição de suas áreas com áreas ocupadas por populações tradicionais e indígenas, somados aos muitos problemas fundiários já existentes (DIEGUES, 2008). A criação do PNMP foi o cerne desse problema para os Pataxó, uma vez que a área do seu território tradicional é a mesma do parque do Monte Pascoal.

A gênese do PNMP foi resultado da origem do Código Florestal da Constituição de 1937, criado durante o período do Estado Novo por Getúlio Vargas, o qual previa a criação de parques nacionais por todo o território brasileiro (CARVALHO, 2009), política esta embasada, como vimos, nos modelos de parques estadunidenses (PEREIRA, 2018). No ano seguinte à criação do Código Florestal, Vargas, a fim de preservar o local da chegada dos portugueses em 1500, e visando formar e fomentar uma identidade nacional, após expedições ao extremo sul baiano, propôs a criação do PNMP (CARVALHO, 2009).

Embora o processo de constituição do PNMP tenha se iniciado no ano de 1938, foi apenas no ano de 1961 que o parque foi oficializado, através do Decreto nº 242¹² por Tancredo Neves. De acordo com o Relatório Circunstanciado de Identificação da TI Pataxó do Monte Pascoal produzido por Carvalho (2008), a presença dos indígenas no território foi completamente desconsiderada durante esse processo de constituição.

A área delimitada como parque passou a ser fiscalizada pelo Instituto Brasileiro do Desenvolvimento Florestal - IBDF e pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - IBAMA, posteriormente substituídos pelo Instituto Chico Mendes da Conservação da Biodiversidade – ICMBio. Por ser designada como uma unidade de conservação integral, isso impossibilitou a existência de roças, caças e coleta de recursos para a subsistência dos Pataxó em seu interior (POVO PATAXÓ, 2011; PEREIRA, 2018). A comunidade indígena local foi, então à luta, reivindicando seus direitos para que aquele território fosse demarcado como uma terra indígena (SANTOS, 2017).

De um lado, defende-se a conservação da natureza sem a interferência humana, acreditando-se que o fato da comunidade indígena tirar sua subsistência da mata geraria um desequilíbrio natural e a destruição da natureza (DESCOLA, 1998). Por outro lado, os Pataxó argumentam que a sua presença e suas atividades de coleta na região não agredem a biodiversidade existente – ao contrário, suas práticas estão intimamente atreladas à sua preservação.

Deste modo, a soma dos dois fatores, sobreposição de áreas e divergência do conceito de território e sua conservação, acarretaram desentendimento entre os órgãos de fiscalização ambiental e os indígenas, o que, desde a criação, em 2012, da Política Nacional de Gestão Ambiental em Terras Indígenas - PNGATI¹³, que garante a gestão compartilhada, deveria ter sido superado. Portanto, é necessário levar em consideração a perspectiva dos Pataxó do que é território.

¹² Informação do site do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio: <https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/monte%20pascoal.pdf>

¹³ Informação do site de Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas: <http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/pngati/instrumentos/>

Território e espiritualidade

O significado do termo território pode ser dado de diferentes formas, dependendo apenas do coletivo, povo ou comunidade que o mobiliza. No artigo *“Territorio como cuerpo y territorio como naturaleza: diálogo intercultural?”*, Echeverri (2004) discorre sobre como o movimento indígena colombiano mobiliza tal termo, que se diferencia do sentido jurídico-político pelo qual território seria um espaço geográfico com uma soberania e poder político marcados por uma fronteira. O mesmo vale para o sentido empregado pelas ciências naturais, para as quais o território é uma área onde determinado indivíduo e/ou espécie vive, se reproduz, se alimenta e, por estas razões, o defende.

Território, para os povos indígenas da Colômbia, apresenta-se como uma noção ligada à história de um coletivo e sua associação a um determinado local sem ser preciso uma demarcação exata. Isto é, território é um marco de uma identidade étnica que independe de um limite físico (ECHEVERRI, 2004):

[...] aunque puede llegar a demarcarse y limitarse, se define no tanto por sus fronteras y límites como por marcas geográficas que señalan la ligazón de un grupo humano a un paisaje y una historia. (ECHEVERRI, 2004, p. 261)

A história Pataxó, como dito na contextualização acima, tem um elo profundo com o território em que habitam. A luta pelo território tradicional está repleta de falas sobre as histórias vividas pelos seus antepassados e os encontros que tinham antigamente com seus aliados. Logo, faço uma associação da noção de território estabelecida pelos povos indígenas colombianos com uma noção do que seria território para os Pataxó, tendo como base depoimentos dos próprios Pataxó.

O Monte Pascoal, nosso Pé de Pedra, é terra indígena, baliza de nossa história, salão de nossas festas, altar e memória de nossos antepassados. Terra que representa o canto do paihó, sossego da onça pintada, o som do sabiá, o tinir da araponga, a sombra do jequitibá e tantas outras formas de vida da Mata Atlântica que queremos preservar, como sempre fizemos. (PROFESSORES PATAXÓ DO EXTREMO SUL DA BAHIA, 2007, p. 3)

A fala citada acima também ressalta a natureza que está contida nesse território, e que é de extrema importância para a subsistência e a espiritualidade Pataxó. Conforme Braz (2012), é necessário sempre ouvir e observar a natureza, dado que o que acontece com ela acontece também com os Pataxó. Quando se cuida bem da natureza coisas boas acontecem com os indígenas e os espíritos bons permanecem nos lugares. No entanto, quando não há cuidado com o mundo natural os espíritos bons se afastam e apenas os espíritos ruins permanecem (BRAZ, 2012).

Uma das lideranças da Aldeia Boca da Mata, Edimarcos Ponçada Santana Pataxó, Edi, conta que a relação entre os Pataxó e a natureza é muito forte. A natureza provê a subsistência desse povo e abriga seus antepassados. De acordo com ele, esse respeito que os Pataxó têm com a natureza emana da sua espiritualidade, do fato de a natureza ser a morada dos espíritos, dos antepassados. A força da natureza, os rios, a mata e a cachoeira, carregam a energia dos ancestrais Pataxó.

Emprego o termo cosmologia para referir-me à espiritualidade. A noção de espiritualidade está dissociada da religião desde o ponto de vista desse povo; isto é, não se fala em uma religião Pataxó. Para haver religião é necessária uma institucionalidade religiosa¹⁴, que, no caso, não há (MALUF, 2011). Portanto, a espiritualidade deve ser vista e pensada como cosmologia e não como uma religião.

Os seres que compõem a espiritualidade Pataxó – espíritos dos antepassados, Naô Katumbayá, espíritos de pessoas ruins, encantados e caboclos – têm origens diversas. De acordo com Santos (s/d), a história da Naô Katumbayá conta se tratar de uma indígena ou um indígena que se perdeu na mata e acabou ganhando os poderes do Espírito da Mãe da Mata. Isto é, após a/o indígena se perder na mata encantou-se e ganhou os poderes do Espírito da Mãe da Mata.

O mesmo acontece com pessoas ruins. A pessoa que foi ruim em vida torna-se um espírito ruim ou vira um bicho bravo. Os espíritos ruins ficam vagando por aí como visagens e ficam encostados nas pessoas, tentando atraí-las até eles, fazendo barulhos, sempre na tentativa de fazer-lhes mal. É possível encontrá-los nos sonhos também, e quando isso acontece o espírito ruim tenta atrair as pessoas da mesma forma, através

¹⁴ A institucionalidade religiosa se revela, por exemplo, nos templos religiosos, e em uma filiação religiosa específica (MALUF, 2011).

do barulho, para capturar o espírito do sonhador e o levar para o mundo dos mortos (CARDOSO, 2018).

Segundo os Pataxó, ao se ouvir o barulho feito pelos espíritos ruins, é importante não responder. No caso do sonho, o espírito ruim pode tentar capturar o espírito do sonhador, que pode acabar adoecendo ou até morrendo. Já quando a pessoa está acordada e responde ao seu chamado, coisas ruins podem acontecer com ela (CARDOSO, 2018).

Uma pessoa ruim em vida pode virar um animal, ou como é chamado pelos Pataxó, bicho bravo. Um exemplo de bicho bravo, contado por Santos (s/d), é a da porca espinha, um bicho com “dentes enormes, cara de gente e pelo espinhoso” e que aparece na época da quaresma. A origem desse ser dá-se por meio de mulheres que não “escutam as palavras dos pais e viram mulheres de más condutas”, e como castigo se transformam em porca espinha e ficam a perseguir pessoas.

Conforme Cardoso (2016), os caboclos são grandes lideranças e pajés de tempos imemoriais que, na hora da morte, foram encantadas e se transformaram nos caboclos, habitando a mata, os rios e o mar, assim como acontece com os encantados¹⁵. Aparecem geralmente nas festas de santos, quando se toca o tinderê¹⁶, e incorporam nos corpos de alguns Pataxó para trazer mensagens do futuro e conselhos.

Os espíritos dos antepassados, conta Edi, são espíritos dos ancestrais Pataxó que vivem na natureza e passam sua força para ela. Através do sonho, eles conversam, transmitem mensagens, avisos e sermões para os indígenas. E assim como os espíritos dos antepassados, os encantados também se comunicam através dos sonhos com os Pataxó e vivem em certos locais da natureza, como mar, mata e rios, da mesma forma que os caboclos. Os encantados, por sua vez, possuem uma força muito grande, e quando são evocados pelas rezas dos Pataxó são capazes de coisas como “virar a cabeça dos pistoleiros e fazer espingarda não atirar”¹⁷ (CARDOSO, 2018).

A interação desses seres com os Pataxó pode ser vista de dois modos. No caso dos espíritos ruins e dos bichos bravos, são interações desarmoniosas, que sempre

¹⁵ Os encantados, diferentemente dos caboclos, nunca foram seres humanos e sim surgiram dos rios, do mar e da mata, isto é, surgiram da natureza (Edimarcos Ponçada Pataxó, 2021)

¹⁶ Chamado de samba de chula por Cardoso (2016), o tinderê é uma espécie de samba de reis em junção com a cultura Pataxó.

¹⁷ Segundo Cardoso (2016), foi uma situação vivida durante o período de retomada em 2014.

ocasionam o adoecimento de uma pessoa ou mesmo sua morte. Por outro lado, os caboclos, espíritos dos antepassados e encantados, mantêm relações harmoniosas, pois protegem os Pataxó dos males em geral, sejam eles advindos de problemas espirituais, doenças ou da interação com outras pessoas.

Em relação aos males espirituais enfrentados pelos Pataxó, é por intermédio dos rezadores que agem os encantados. Embora, como dito antes, seja possível perceber a presença dos espíritos ruins, em sonhos, por meio de barulhos, visagens e visitas, é só o rezador que possui a habilidade de acessar o mundo invisível (CARDOSO, 2018). O rezador/pajé¹⁸, através da reza, comunica-se com os seres da espiritualidade Pataxó e possui a técnica para acessar o mundo onírico. No caso de algum espírito ruim capturar o espírito do sonhador em um sonho, só o rezador será capaz de entrar no mundo onírico e agir para que o espírito da pessoa volte para seu corpo, restabelecendo, assim, sua saúde (CARDOSO, 2018).

Além de rezar, os pajés também benzem as pessoas e as curam através dos remédios do mato, feitos com ervas medicinais (ver PORTUGAL, neste volume). As pessoas que se tornam pajés para realizar tais feitos carregam consigo desde o seu nascimento “um dom espiritual e a força dos ancestrais”. Ademais, parte desse conhecimento é aprendido durante a vida (POVO PATAXÓ, 2011). Desta forma, a espiritualidade Pataxó e o seus seres possuem um elo com a natureza e os chamados lugares sagrados, o que será discutido no próximo tópico.

Lugares sagrados

Lugares como a Juacema, o Monte Pascoal, o Céu Azul e a mata¹⁹ são sagrados pois são neles que a história e a espiritualidade Pataxó se encontram. Os “Lugares de índios”, como são chamados, são lugares onde os antepassados Pataxó viveram e onde contam a história desse povo, além de serem as moradas dos encantados (CARDOSO, 2016).

¹⁸ Cardoso (2018) argumenta que as pessoas que são chamadas atualmente de rezadores são os antigos pajés. Porém, para o povo Pataxó (2011), a nomenclatura ainda usada é pajé. Mata é um termo genérico, que refere a toda a mata do território Pataxó, ou seja, a mata não é um local específico.

Juacema

Trata-se de um local fora da T.I. Barra Velha, localizado entre o vilarejo de Caraíva e a Praia do Espelho, na parte litorânea de Porto Seguro, em meio às falésias. Ali há um buraco no chão que, para a história do povo Pataxó, é de grande importância, uma vez que seria sido lá que Txôpay surgiu e os criou. Segundo a história Pataxó, esse guerreiro, Txôpay, originou uma tempestade que produziu um buraco no chão, onde cada gota que caía constituía “índios belos e fortes” (POVO PATAXÓ, 2011).

Inúmeras são as histórias contadas pelos anciãos sobre esse local e o seu caráter sagrado. A mais conhecida, veiculada por Rufino Vicente Ferreira, também conhecido como Tururim, relata que antigamente se formou uma vila no entorno da Juacema, que mais tarde teria sido destruída pelos bakirás²⁰, após um desentendimento entre uma criança indígena e uma não indígena em torno de um pássaro (SANTOS, s/d). Conforme conta este autor, as duas crianças brigaram por um filhote de bituã²¹, e a criança não indígena conseguiu pegar o pássaro para si, o que levou a criança indígena a voltar chorando para casa. O pai da criança indígena buscou saber o que tinha ocorrido para o filho estar em tal estado e, após obter a resposta, pediu ajuda aos indígenas bakirás para resolver a situação. Os bakirás, por sua vez, atenderam ao pedido de ajuda e foram cavando por debaixo do solo até chegar na Juacema. Com a chegada deles na Juacema, a população local entrou em conflito com eles. Poucas pessoas restaram desse conflito, alguns foram devorados pelos bakirás, outros foram lançados ao mar e alguns fugiram. Logo, com a vila destruída e não mais habitada, a Juacema se tornou encantada (SANTOS, s/d).

De acordo com o livro *“Boitatá e outros casos de índios”*, escrito por Sairí Pataxó²², era comum, quando as pessoas passavam pelo local à noite, enxergarem imagens incomuns que desapareciam logo em seguida. Santos (s/d) nos traz a seguinte fala de Tururim: “via uma cidade iluminada, navios no mar, lagartos de um metro de

²⁰ Conforme dito por Tururim, bakirás eram os indígenas aliados da etnia da criança indígena que aparece na história. Os bakirás têm corpos fortes feito pedras, se locomovem por caminhos cavados debaixo da terra e são encantados. Acredita-se que eles habitam embaixo do Monte Pescoço, na região do município de Itamaraju (SANTOS, 2013).

²¹ Pássaro parecido com o bem-te-vi (SANTOS, 2013).

²² Sairí dos Anjos Santos é um escritor Pataxó da Aldeia Xandó.

comprimento, guaiamuns de ouro e pessoas andando pra lá e pra cá” (SANTOS, s/d, p. 83-84).

Em uma conversa recente com Edi, o mesmo relatou que, nas histórias dos anciãos, havia antigamente uma lagoa com um tacho de ouro, o qual as pessoas sempre tentavam pegar, mas nunca conseguiam por ser ele encantado. No entanto, na atualidade, essas visões estão acontecendo cada vez menos, o que para Edi está atrelado à dificuldade de preservação da região que, apesar de estar dentro da Reserva Extrativista Marinha do Corumbau – RESEX²³, sofre com a expansão imobiliária, que, por conseguinte, afeta a espiritualidade do local.

Com a chegada do homem, com essa destruição isso está acabando (espiritualidade e o encantamento do local) [...] (fala de Edimarcos Ponçada Santana).

Monte Pascoal e Céu Azul

O Pé de Pedra, como é chamado o Monte Pascoal, está marcado pelos encontros que os antepassados Pataxó faziam com seus aliados, os Maxakali, sendo também a morada desses antigos ancestrais (CARDOSO, 2016). O Monte Pascoal está localizado dentro da T.I. Barra Velha e da U.C. do PNMP, este oficializado no dia 29 de novembro de 1961.

Os Pataxó da aldeia mais próxima do monte, a Aldeia Pé do Monte, costumam fazer o awê na mata, ao redor do local, em busca de uma maior aproximação com os espíritos dos antepassados que ficam ali e pelo respeito que têm pelo local, novamente de acordo com Edi. Conforme Povo Pataxó (2011), o awê (um dos rituais Pataxó) trata de um momento em que os Pataxó, através do canto e da dança, entram em sintonia com o ambiente e o sagrado. Esse momento, que representa “força, alegria, união e espiritualidade”, é um momento de celebração entre os Pataxó e os espíritos dos que já morreram. Isto é, os espíritos dos antepassados trazem a força e recarregam as energias dos Pataxó para continuarem resistindo e lutando (POVO PATAXÓ, 2011).

O awê traz segurança: a dança e o canto são instrumentos de comunhão entre os Pataxó, pois o canto é a voz dos espíritos, é

²³ Informação do site da Reserva Extrativista Marinha do Corumbau – RESEX: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/biodiversidade/UC-RPPN/DCOM_ICMBio_plano_de_utilizacao_Resex_Corumbau_abril2016.pdf

mensagem entre as pessoas que faz viajar entre histórias, mergulhar em sonhos, viajar por mundos distantes. Na dança, transpira-se energia antiga e recupera-se outras da terra, do ar, da água, do fogo e de todas as energias positivas que formam a natureza. (POVO PATAXÓ, 2011; pgs. 89 e 90)

Monte Pascoal



Fotos: Arquivo pessoal.

Em minhas idas ao Monte Pascoal, sempre ouvia sobre o local sagrado chamado Céu Azul, uma clareira que fica próxima ao monte e que, apesar de ser nativa da região, eu, até então, nunca tinha tido oportunidade de conhecer esse local, que é sempre recorrente nas narrativas Pataxó. Nas falas dos anciãos e de algumas lideranças de Boca da Mata, o Céu Azul sempre foi relatado como um local de morada dos espíritos e que possuía uma atmosfera incomparável.

Em um determinado dia, eu, Cida²⁴ e Edi partimos da Aldeia Boca da Mata rumo à Aldeia Pé do Monte para subirmos o Monte Pascoal; antes de chegarmos ao nosso destino, contudo, paramos no Céu Azul. Trata-se de um local no meio da mata, onde há um posto de fiscalização do PNMP, rodeado por árvores muito altas e uma abertura em meio à copa das árvores que possibilita a visualização do céu.

Assim como o Monte Pascoal, o Céu Azul também ficou marcado pelos encontros dos antepassados Pataxó no local (CARDOSO, 2016). Segundo Edi, a história desse local é significativa, por constituir um marco de referência dos Pataxó e de seus aliados, pois lá aconteceram muitas mortes. O local também já serviu como morada para os

²⁴ Maria Aparecida Araújo, morada da aldeia Boca da Mata.

antepassados Pataxó, inclusive para uma família que morou no interior de um enorme pé de pequi que havia ali.

Edimarcos afirma que o Céu Azul é um local muito forte da espiritualidade Pataxó devido a estes fatos ali ocorridos. Lá é possível ouvir pessoas andando pela mata, escutar barulhos incomuns – como o de galo cantando e vaca mugindo, mesmo não havendo esses animais no local. Para ele, ouvir os ruídos desses animais conduz à confirmação de que há espíritos no local.

A professora Roseni, na época em que a escola ainda não tinha sido construída e dava aula lá, dizia que quando dava onze horas, o horário em que as crianças iam embora e ela fica lá sozinha durante o horário de almoço, era muito estranho pra ela, porque ela conseguia escutar pessoas murmurando e galo cantando, inclusive eu presenciei também. (fala de Edimarcos Ponçada Santana).

Esses dois animais, o galo e a vaca, são símbolos de respeito para o povo Pataxó. O galo representa a pureza e seu canto espanta espíritos ruins. Já quanto à vaca, sua natureza depende da cor do animal: se em um sonho aparecer uma vaca branca, isso significa que um espírito bom está perto de você, mas se aparecer uma vaca preta, significa que espíritos ruins estão por perto, como explica Edi.

Ele mesmo teve esse tipo de experiência no Céu Azul, como foi mencionado acima. Segundo ele, em uma noite em que teve que passar no posto de fiscalização junto com outras pessoas, não conseguiu dormir em razão de pesadelos, e que escutou pedras sendo atiradas em cima do posto e pessoas caminhando do lado de fora. Seu padrinho, que também estava no Céu Azul no momento do ocorrido, explicou que essas manifestações aconteceram devido à presença de não indígenas junto com eles, no posto.

Para além do Céu Azul e do Monte Pascoal, próximo ao local da clareira, também há uma cachoeira sagrada, de acordo com história contada pelo avô de Edi, seu Manoel Santana²⁵. Diz-se que em um determinado momento da noite, a água dorme por um piscar de olho, isto é, a água para de cair por um segundo, configurando o local também como sagrado.

²⁵ Manoel Santana é uma grande liderança espiritual.

Por serem locais sagrados e marcos da ancestralidade e da espiritualidade Pataxó, perto desses locais não são instaladas roças e nem se retira madeira para a produção de artesanato, dado que são lugares onde se busca a espiritualidade Pataxó. Há cerca de um ano, quando algumas pessoas começaram a se aproximar do Céu Azul e do Monte Pascoal para extrair madeira, foi feita uma vigília de sessenta dias de revezamento para proteger esses locais de respeito.

A mata

A mata do território Pataxó marca a ligação entre os Pataxó e muitos seres outros--que-humanos. No geral, os rituais Pataxó costumam ser feitos perto ou dentro da mata, para assegurar uma conexão entre corpo, mente e espiritualidade, de acordo com Edi. O uso dizer que essa relação é o que garante o equilíbrio entre todas as partes – os Pataxó, os seres espirituais e a natureza –, uma vez que para que prevaleça um contato melhor com a espiritualidade, os Pataxó necessitam da mata, da mesma forma que para a mata se manter preservada é necessário que os Pataxó a protejam.

Na mata pode-se encontrar os espíritos dos que morreram e que nela permanecem, alimentando-se dos seus frutos; os espíritos de pessoas ruins, que podem virar bicho bravo (CARDOSO, 2016); e a Naô Katumbayá (Espírito da Mãe da Mata). É da mata também que advêm as plantas que curam não só doenças biológicas, mas também os males espirituais (POVO PATAXÓ, 2011).

A guardiã Naô Katumbayá mora nos pés da patioba²⁶ e protege a mata e os animais que nela habitam (POVO PATAXÓ, 2011). Segundo os anciãos, para poder pegar patioba na mata é preciso pedir a permissão desse ser espiritual, caso contrário a pessoa fica presa e perdida na mata. A punição quanto à caça de animais indefesos é a mesma de quando se pega patioba sem permissão: a pessoa fica vagando pela mata sem encontrar rumo e, mesmo que esteja perto da saída, o encantamento feito pelo Espírito da Mãe da Mata, que só pode ser desfeito por uma simpatia, não possibilita que a pessoa a veja (POVO PATAXÓ, 2011).

Edi reafirmou que quando não se respeitam as regras impostas pela Naô Katumbayá, as pessoas ficam perdidas na mata e só a simpatia, conhecida apenas pelos

²⁶ Planta utilizada para embrulhar o peixe na tradicional patioba Pataxó (POVO PATAXÓ, 2011).

Pataxó, as desencanta. Mencionou também que ele ficou perdido certa vez em que foi para a mata: não porque estivesse caçando ou algo do tipo, mas porque não havia preparado seu corpo²⁷ para entrar:

[...] Na verdade não foi porque eu maltratei um animal. O que aconteceu comigo foi que eu estava indo para a mata outro dia, mais Cleide, à tardezinha e até o meu avô falou que era para deixar pra ir amanhã, mas, eu com teima, acabei indo. Nós ia buscar uns artesanatos, né, eu vim conversando, eu lembro que nós passou o rio para o outro lado, eu mais Cleide, mas quando dei conta de mim eu já estava voltando, nem fui na mata. [...] (fala de Edimarcos Ponçada Santana, 2021).

Como dito anteriormente, na mata também vivem os espíritos de pessoas ruins, embora parte da proteção contra eles venha precisamente da mata. Algumas plantas são usadas para fazer chás, banhos e garrafadas para fechar o corpo das pessoas e, juntamente com as rezas, protegê-las (POVO PATAXÓ, 2011). Apenas para citar alguns exemplos, o banho do tuiô (alfavaca do campo) protege de “olho gordo” e fortalece espiritualmente o Pataxó; já a amesca, quando tem sua seiva queimada, além de fortalecer o espírito da pessoa, também espanta espíritos ruins; e o capim aruanda é utilizado no ritual da aruanda para retirar espíritos ruins e chamar encantados (POVO PATAXO, 2011; SOUZA, 2015).

Encantamento e desencantamento

Em muitos dos relatos dos Pataxó, as palavras espiritualidade e natureza caminham lado a lado. Onde há natureza, há espiritualidade, e a natureza torna-se, deste modo, uma espécie de portal para essa conexão entre os seres espirituais e os Pataxó. Tal conexão é bastante nítida, por exemplo, quando se traz para a reflexão as narrativas sobre o Monte Pascoal e o Céu Azul, nas quais resta claro que os Pataxó lutam para preservar esses locais sagrados da extração de madeiras, construção de casas e criação de roças, para que, assim, seus encantados e espíritos se mantenham vivos e possam permanecer livres.

De outro modo, onde se perde a natureza, onde a mata é destruída e os lugares são profanados, os seres sagrados vão se esvaindo, como no caso da Juacema, que,

²⁷ Preparar o corpo, isto é, fechar o corpo, é “convocar os orixás, encantados, santos” (CARDOSO, 2016) e/ou tomar um banho de ervas (POVO PATAXÓ, 2011).

apesar de ser o local do criador Txôpay e do nascimento dos indígenas Pataxó, diante da construção de barracas de praia e condomínios ao redor, o encantamento vai se perdendo com o passar do tempo.

O encantamento de um lugar estabelece-se pela ligação com a natureza que, desfeita pela ação humana predatória, por meio do desmatamento, que causa o desencantamento. Um lugar sagrado é concebido pela história que carrega, pela presença dos seres espirituais e a natureza que o envolve, e isso faz dele um lugar encantado. Todavia, quando há a destruição/desmatamento desse local, os seres espirituais se vão²⁸ e o local passa a ser desencantado.

O pessoal pensa muito na questão da preservação da mata exatamente para poder preservar essas figuras ali, entendeu? Esses espíritos. Porque a partir do momento que você vai tirando vai derrubando ele, aquela figura deixar de existir naquela localidade (Fala de Edimarcos Ponçada Santana, 2021).

Desta forma, a proteção dos locais sagrados Pataxó está ligada à preservação da natureza local. Assim, a espiritualidade Pataxó mostra-se também como uma agente importante no processo de conservação ambiental, dado que a relação entre natureza e espiritualidade é, como já enfatizado, uma via de mão dupla, i.e., os Pataxó cuidam da natureza para que seus locais sagrados, reciprocamente, não percam seu encanto e a natureza proteja o encantamento dos locais sagrados Pataxó.

Considerações finais

O objetivo desse trabalho foi apresentar os locais sagrados Pataxó e os seres espirituais que os habitam. Espero ter apontado, com isso, a intrínseca relação entre espiritualidade e natureza, para esse povo, e como a preservação ambiental é importante para a constituição da identidade Pataxó.

Os locais sagrados Pataxó contam a história desse povo e também carregam consigo sua espiritualidade, os seus seres espirituais, cuja existência nesses lugares decorre da soma de dois fatores: a história que o lugar possui e a presença da natureza. Esse vínculo entre natureza e seres espirituais é reiterado no texto, constantemente

²⁸ Não foi possível constatar se os seres espirituais passam a habitar outros lugares, e quando isso ocorre.

expondo que onde há natureza, há encantados, espíritos dos antepassados e caboclos; em contrapartida, nos locais onde a natureza não é preservada esses seres deixam de estar presentes.

Forma-se, então, a tríade: Pataxó, natureza e seres espirituais. Os seres espirituais são importantes para a espiritualidade Pataxó, assim como a natureza é importante para que haja a ligação entre eles. Por outro lado, os Pataxó são importantes na luta pela preservação da natureza, sem a qual os seres espirituais desaparecem. Sendo assim, a relação entre os Pataxó e os seres espirituais é uma relação de troca. Os seres que constituem a cosmologia Pataxó constroem a identidade Pataxó, bem como os Pataxó preservam a natureza para que eles permaneçam ali. Ambos são totalmente interdependentes.

Neste sentido, é possível estabelecer um nexos entre natureza e cultura, uma vez que, diferentemente da sociedade ocidental que se dissocia da natureza (DIEGUES, 2008), a cultura Pataxó está ligada ao mundo natural através da sua espiritualidade, de seus seres espirituais. Tal relação tem estado submetida a ameaças ao longo da história Pataxó, devido à expansão agrícola, à especulação imobiliária e à criação de uma U.C. sobreposta ao território tradicionalmente por eles ocupado. Deste modo, vê-se a necessidade de que haja uma melhor e mais complexa conversação sobre o território, o meio ambiente e a conservação ambiental desses locais, de acordo com a noção de conservação Pataxó.

Em suma, a história desses lugares no território tradicional indígena torna-os a fonte da espiritualidade Pataxó e dos seus seres espirituais. Sendo, então, fundamental preservar tanto a natureza quanto os lugares sagrados, que estão diretamente ligados à cultura desse povo. Só assim a identidade Pataxó se manterá viva. Em outras palavras, preservando-se a natureza, se preservará a cultura Pataxó do modo tal como é concebido pelos próprios indígenas.

Referências

AZEVEDO, G. F. Proteção territorial e revitalização cultural no Território Pataxó de Barra Velha. UFSCar, 2021. Iniciação Científica.

BRASIL. Decreto nº 396, de 24 de dezembro de 1991. Homologa a demarcação administrativa da Área Indígena Barra Velha, no Estado da Bahia. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/D0396.htm . Acesso em: 30 de maio de 2021.

BRAZ, C. P. A cultura informa o homem. Clóvis Pataxó e Duteran Pataxó. Belo Horizonte: Literaterras: FALE/UFMG, 2012.

BOMFIM, A. B. Patxohã: o processo da língua Pataxó no tempo presente. In: Jocélio Teles dos Santos. (Org.). Discutindo Etnicidades. 00ed.Salvador: EDUFBA, 2014, v. 00, p. 07-199.

CARDOSO, Thiago Mota. Paisagens em transe: ecologia da vida e cosmopolítica Pataxó no Monte Pascoal. Brasília: IEB Mil Folhas, 2018.

CARDOSO, T. M. Paisagens em transe: uma etnografia sobre poética e cosmopolítica dos lugares habitados pelos Pataxó no Monte Pascoal. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2016.

CARDOSO, T. M.; PINHEIRO, M. B. (Orgs.). Aragwaksã: Plano de Gestão Territorial do povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas. - Brasília: FUNAI/CGMT/CGETNO/CGGAM, 2012.

CARNEIRO DA CUNHA, M. Cultura com aspas e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CARVALHO, M. R. G. O Monte Pascoal, os índios Pataxó e a luta pelo reconhecimento étnico. In: Cadernos CRH, v. 22, n. 57, p. 507-521, 2009.

CARVALHO, M. R. G. Os Pataxó de Barra Velha: seu subsistema econômico. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1977.

CIMI EXTREMO SUL DA BAHIA. Indígenas no extremo sul da Bahia fazem cinco ações de retomada de territórios tradicionais. Conselho Indigenista Missionário - CIMI, 2014. Disponível em: <https://cimi.org.br/2014/04/35944/> . Acesso em: 14 de junho de 2021.

DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. Mana [online]. 1998, v. 4, n. 1, pp. 23-45. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000100002>>. Epub 04 Set 2000. ISSN 1678-4944. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131998000100002>.

DIEGUES, A. C. S. O mito moderno da natureza intocada / Antônio Carlos Sant'Ana Diegues. - 6ª ed. ampliada - São Paulo: Hucitec: Nupaub – USP/CEC, 2008.

ECHVERRI, J.A. Territorio como cuerpo y territorio como naturaleza: ¿diálogo intercultural? In: Alexandre Surallés y Pedro García Hierro. (Org.). Tierra Adentro: Territorio Indígena y Percepción del Entorno. Documento N° 39 Copenhague, 2004, v. 00, p. 259-276.

LEAL, V. N. Coronelismo, enxada e voto: O município e o regime representativo no Brasil, 1948.

MAPAS DAS ALDEIAS PATAXÓ. Reserva Pataxó Aldeia Velha, 2013. Disponível em: <https://aldeiavelha.wordpress.com/2013/06/15/mapa-das-aldeias-pataxo/> . Acesso em: 10 de junho de 2021.

MALUF, S. W. Além do templo e do texto: desafios e dilemas dos estudos de religião no Brasil. Revista Antropologia em primeira mão. Florianópolis, v. 124, 2011, p. 5-14.

PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. De como obter mão-de-obra indígena na Bahia entre os séculos XVI e XVIII. Revista de História, São Paulo: USP, No 123-132, 1994.

PARNA DO MONTE PASCOAL. Instituto Socioambiental – ISA, s/d. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/arp/997> . Acesso em: 20 de maio de 2021.

PARQUE NACIONAL DO MONTE PASCOAL. Instituto de Conservação Ambiental Chico Mendes – ICMBio, s/d. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/visitacao1/unidades-abertas-a-visitacao/194-parque-nacional-do-monte-pascoal> . Acesso em: 02 de junho de 2021.

PEREIRA, T. S. As etnogêneses, os índios do Nordeste e a territorialidade dos povos Jê dos Sertões do Leste: o caso Pataxó do Extremo Sul da Bahia. ODEERE - Revista do Programa de Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), v. V.3, p. 120-146, 2018.

PLANO DE GESTAO AMBIENTAL E TERRITORIAL EM TERRAS INDÍGENAS - PNGATI. Etnomapeamento e diagnóstico participativo. Gestão Ambiental e Territorial de Terras Indígenas, s/d. Disponível em: <http://cggamgati.funai.gov.br/index.php/pngati/instrumentos/> . Acesso em: 02 de junho de 2021.

_____. Fundação Nacional do Índio – FUNAI, s/d. Disponível em: Pngati :: Plano de Gestão Territorial e Ambiental (funai.gov.br) . Acesso: 21 de maio de 2021.

PLANO DE MANEJO – PARNA MONTE PASCOAL. Instituto de Conservação Ambiental Chico Mendes – ICMBio. Disponível em: icmbio.gov.br/portal/imagens/stories/docs-planos-de-manejo/parna_monte_pascoal_pm.pdf . Acesso em: 02 de junho de 2021.

POVO PATAXÓ. Instituto Socioambiental – ISA, s/d. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Patax%C3%B3> . Acesso em: 14 de junho de 2021.

POVO PATAXÓ. Inventário Cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do Extremo Sul da Bahia. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011.

_____. Leituras Pataxó: raízes e vivências do povo pataxó nas escolas/ Secretaria de Educação. Salvador: MEC/ FNDE/ SEC/ SUDEB, 2005.

PROFESSORES PATAXÓ DO EXTREMO SUL DA BAHIA. Uma história de resistência Pataxó / [organização] Professores Pataxó do Extremo sul da Bahia. Salvador: Associação Nacional de Ação Indigenista; CESE, 2007.

SANTOS, L. B. História do ponto de vista Pataxó: território e violações de direitos indígenas no extremo sul da Bahia. Belo Horizonte/MG, Brasil, 2017.

SANTOS, S. A. Boitatá e outros casos de índios. Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro, s/d.

SCARASSATTI, M. A. F. - Ação violenta da polícia em Boca da Mata, T.I. Pataxó Barra Velha, 26 de novembro de 2014. Facebook: Marcos Scarassatti. Disponível em: <https://www.facebook.com/video.php?v=10205431574811659&fbref=nf>

SOUZA, F. J. A. Os Pataxó em morros brutos e terras fanosas: Descortinando o movimento das puxadas de rama. São Carlos, 2015. Tese (doutorado) - Universidade Federal de São Carlos.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. Fundação Nacional do Índio – FUNAI, s/d. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas> . Acesso em: 20 de maio de 2021.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO - UC. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio, s/d. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/imagens/stories/imgs-unidades-coservacao/monte%20pascoal.pdf> . Acesso em: 02 de junho de 2021.